

OS ANIMAIS E A ALTERIDADE EM OS COLEGAS (1972), DE LYGIA BOJUNGA

Adriana Falqueto Lemos (UFES-PPGL-FAPES)¹

Resumo: *A alteridade, aqui entendida como produto da interação com o outro (o diferente de mim) – e levando-se em conta seu contexto específico, é tomada como enfoque na leitura de Os colegas (1972), de Lygia Bojunga. A intenção é compreender como, por meio da escrita, Bojunga apresenta o outro ao seu jovem leitor. A metodologia empregada na pesquisa é bibliográfico-documental, com a análise tanto textual quanto material do corpus formado pelo livro, entremeada a estudos culturais, como da história cultural, da alteridade e do animais.*

Palavras-chave: *Lygia Bojunga; alteridade; história cultural; animais.*

Introdução

Os estudos teóricos e críticos que dão visibilidade aos animais figurantes de obras literárias encontram-se, no momento, como interesse de grupos de pesquisa como o GAIA (Grupo de atividades interdisciplinares sobre os animais), sob liderança da professora Evely Vânia Libanori, do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O grupo foi responsável pelo *I Seminário Sobre Representação Animal Na Literatura*, realizado na UEM em 2015. Nesse seminário, e em conjunto com as professoras Evely Vânia Libanori e Rita de Cássia Miranda Diogo, foi lançado o livro em quatro volumes – *Representação Animal na Literatura* –, contendo mais de 40 artigos de autores do Brasil, da Argentina, do Peru, de Portugal e do Reino Unido. A fala de Dolores Orange (2015: 16) expressa bem a premissa desses estudos e, em sua necessidade no panorama atual dos estudos literários,

¹ Graduada em Letras-Inglês (UFES, 2012), Mestre (2015) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES. Professora da Secretaria de Estado da Educação (ES) e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). Integrante do Núcleo de Estudos Literários e Musicológicos da UFES.

[...] ainda há certo consenso em encarar o tema como irrelevante para a literatura ou para os estudos das humanidades em geral. A partir desse aparente lapso, os *Animal Studies* – um campo interdisciplinar que acredita que a leitura e a representação dos animais são informadas por uma perspectiva histórica e filosófica antropocêntrica – vêm se expandindo a fim de trabalhar a problemática do animal por um novo viés. E essa nova abordagem do universo e do pensamento zoo se faz relevante, em especial, nesse momento do mundo contemporâneo, em que as velocidades das mudanças tecnológicas e do ritmo de vida afetam substancialmente a experiência do homem com os entes inumanos, principalmente no que tange à domesticação e à exploração, criando um processo de assujeitamento do animal sem precedentes.

Tanto a temática do livro abordado – *Os Colegas* (1972), quanto o interesse de Lygia em retratar os animais (assim como em *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976) e *O sofá estampado* (1980)) não se configura como uma tentativa apenas de estabelecer conexão com as crianças e seu universo de fábulas, nas quais animais antropomorfizados vivem numa narrativa infantil. Oposto disso, percebe-se um olhar crítico que permeia todos os trabalhos, sendo o animal a lente pela qual enxerga-se o outro – a alteridade – em sua singularidade. Este texto traz questionamentos e discussões sobre a problematização da figura do animal no mundo – tratando, assim como a obra de Bojunga, das relações entre alteridades, experiências e vivências que, simbolicamente, contribuem para uma sociedade menos cruel.

A obra

A primeira obra publicada por Lygia Bojunga, *Os Colegas* (1972) contém elementos característicos dos contos para crianças: é uma narrativa sobre animais que se encontram e superam desafios para serem felizes. Trata-se da história de um grupo de amigos que sobrevive nos limites entre a marginalidade e o reconhecimento – dado que, durante o carnaval, eles se tornam protagonistas e espalham pelas ruas suas vozes.

O eixo principal do grupo são Virinha e Latinha, dois cachorros vira-latas que deixam de lado a disputa de um osso velho ao perceberem que ambos gostam de samba. Os dois depois conhecem mais amigos e os trazem para morar em seu “barraco”, na beira da praia: a cachorrinha de madame Flor-de-Lis, o Ursíssimo Voz de Cristal e o coelho Cara de Pau. A amizade deles se fortalece a cada dia, enquanto enfrentam desafios simples como encontrar alimentos, abrigarem-se e protegerem-se das intempéries:

Todos os dias de manhã cedo eles saem para arranjar comida. Vai cada um pra um lado. Cara-de-pau é sempre o último a voltar pro terreno baldio: está em tudo quanto é fim de feira. E antes que os varredores de rua apareçam pra limpar o que os feirantes deixaram, Cara-de-pau enche o bolso xadrez com restos de couve, alface e cenoura que ficaram

jogados na rua. [...] Nos fins de feira, Cara-de-pau acaba sempre encontrando também uns caixotes velhos e uns pedaços de folhas de zinco. Mete tudo no bolso xadrez: agora a turma está construindo um barraco lá no terreno baldio e tudo quanto é madeira e zinco serve. E se escondendo daqui, escapando dali, vão vivendo o cada dia. O tempo tem estado ótimo, e assim que eles acabam de procurar comida vão pra praia. De noite, céu estrelado, de manhã, mar azul. E quando a tarde vai se equilibrando naquele cai-não-cai, é a hora que eles gostam de cantar (Bojunga 2012: 29-31).

Ressaltam-se dois pontos de análise que permearão a discussão e a leitura que se darão neste texto: o primeiro, trata da forma como a alteridade se configura na obra; e o segundo, deseja entender como essa configuração ocorre dentro de uma perspectiva cultural.

Um breve resgate bibliográfico

Há dois estudos sobre *Os Colegas* (1972) que se elencam na discussão atual: o primeiro é uma dissertação defendida em 2005 por Berta Lúcia Tagliari Feba – intitula-se *Os Colegas, De Lygia Bojunga Nunes: Um Estudo Da Recepção No Ensino Fundamental*; o segundo é uma notícia de pesquisa desenvolvida por Jéssica Pereira Gonçalves, em 2014, sob orientação da professora Josilene Pinheiro-Mariz, da Universidade Federal de Campina Grande, intitulada *Ludicidade e Prazer: Proposta de Leitura de Os Colegas, De Lygia Bojunga*. Feba entende que um dos pontos fortes do livro está no fato de que a “linguagem plurissignificativa leva o leitor a ampliar seu campo imaginativo” (Feba 2005: 138), mas que, ao mesmo tempo, escapa do “pedagogismo geralmente associado ao gênero”.

De acordo com a pesquisadora, “Bojunga elimina a exemplaridade e a obediência. A transgressão às normas, motivo de reforço do poder adulto e da punição da criança, deixa de fazer parte da trama” (Feba 2005: 139), algo que vai ao encontro do que Regina Zilberman condena nesse tipo de literatura infantil, que “transformou-se num instrumento que, aliado à pedagogia nascente, procurou converter cada menino no ente modelar e útil ao funcionamento da engrenagem social” (1983, p. 20). Para Feba (2005: 83), a qualidade de *Os Colegas* reside no fato de que

a linguagem literária é, ao mesmo tempo, o que formula seus questionamentos e o meio pelo qual os esclarece, através da instabilidade e das modificações progressivas. Por intermédio da linguagem, as personagens vão apresentar ao leitor um mundo autônomo, repleto de ambiguidades, cuja literariedade se apresenta à criatividade do leitor na produção de sentidos, tanto para o texto quanto para a vida.

Gonçalves (2014: 5), por sua vez, propôs um primeiro contato do texto com os alunos pela apresentação de objetos relacionados ao livro, “como fantasias de palhaços, de piratas, de bailarinas, pequenos brinquedos, instrumentos musicais como flauta, pandeiro, tudo muito colorido e enfeitado”. A dimensão do texto

literário seria alargada dessa forma, expandindo-o para fora do livro e no corpo dos leitores; a leitura desse texto, conduzida com o auxílio desse tipo de recurso, expande não somente a compreensão da leitura, mas também os sentidos múltiplos impressos no texto.

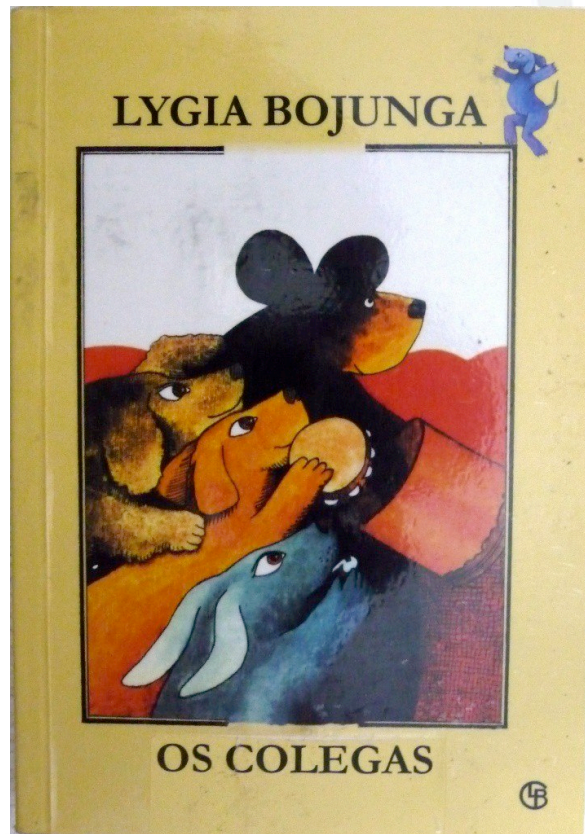


Figura 1: Capa de *Os Colegas* (2012), de Lygia Bojunga. Fonte: Internet.

A capa do texto ilustra os colegas com os instrumentos musicais que eles utilizam para tocar samba: o pandeiro, o apito e a cuíca, na mão de Voz de Cristal. Flor-de-Lis é retratada ao lado do nome da autora, fora do quadro onde figuram os outros quatro colegas.

A alteridade e os animais em *Os colegas* (1972)

Entende-se a alteridade como o produto da interação com o outro, o diferente de mim. Vê-se o mundo a partir das experiências pessoais individuais, sendo um desafio que se construa *o outro* como um ser diverso desse *eu* individual – este outro repleto de propriedades que deve ser compreendido em seu próprio contexto que não o *meu* próprio.

Gilberto Velho (1996: 10) entende que “a noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que essa é efetivada através das dinâmicas sociais. A diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito”. Ou seja: para a construção de mim mesmo é preciso que eu socialize com o diferente.

Em *Os Colegas* (1972), esse *diferente* se apresenta nos animais protagonistas da narrativa: Virinha, Latinha, Flor-de-Lis, Ursíssimo Voz de Cristal e Cara de Pau. Eles vivem na rua; são como os mendigos e pedintes que vivem às margens, morando embaixo de abrigos pobremente construídos com materiais encontrados nas ruas e sobrevivendo de restos de comida da feira. Para efeito, a obra remonta a realidade presente na vida cotidiana – imbricando, assim, de acordo com Candido (2010: 83-84), uma relação entre autor e público, estando o autor, dessa forma, desempenhando um papel social.

Bojunga resgata personagens desfavorecidos e invisíveis e os reorganiza dentro de seu texto, dando-lhes a possibilidade de figurarem de maneira fabular: como animais. Ademais, importa destacar que os personagens conjugam – como que simbolicamente – duas figuras representativas dessa alteridade das ruas: os homens e os animais.

Cara-de-pau tirou do bolso xadrez uns restos de verdura que tinha conseguido na feira e mais um pacote de presunto que tinha caído da bolsa de compras de uma madame. – É claro que ele apanhou o pacote com a intenção de devolver pra ela, mas acabou esquecendo, pois começou a se lembrar que Virinha e Latinha adoravam presunto (Bojunga 2012: 104).

O jogo de Bojunga é múltiplo, assim como pontua Feba (2005), ela envolve o leitor de forma lúdica ao mesmo tempo em que mantém o caráter crítico do discurso. As músicas de Virinha e Latinha reconstroem e representam, diante do leitor, o imaginário e o sentimento do brasileiro desfavorecido economicamente, historicamente e socialmente: entre a felicidade e o drama, entre o humor e o protesto, entre o esquecimento e a glória nos três dias de carnaval em que tudo vira do avesso para logo depois desmanchar-se em cinzas.

Flor-de-Lis, por exemplo, canta enquanto chora a sua ignorância. É possível perceber a ideia de que “o conhecimento liberta” aliada à crítica social da autora: quem não sabe ler ou escrever obedece aos outros sem questionar. Ainda assim, mesmo sem o conhecimento formal, os personagens da trama conseguem resolver seus problemas; o que os ajuda são os amigos, a perseverança e a esperança. Sobre isso, coaduna-se a fala de Elisa Cristina Silva, na dissertação de mestrado *Os colegas, Angélica e O sofá estampado: Lygia Bojunga e a reconstrução da fábula* (2010), quando ela discorre que

De forma alegórica, a narrativa se converte em uma grande metáfora da união e da harmonia do grupo, que aponta para a moral da história, ou seja, seu propósito: mostrar que a amizade, o respeito à relação entre o individual e o coletivo são os pilares sobre os quais se assentam a liberdade e a felicidade de cada um (Silva 2010: 44).

Sambas com esse tipo de linguagem, um “português errado”, como se refere Flor, tratam de injustiças sociais como as que passam *Os Colegas*. As composições de Adoniran Barbosa, *Saudosa Maloca* e *Despejo na Favela*, tratam de pessoas vivendo o mesmo drama dos animais da trama de Bojunga.

Algumas considerações

Pensando nas contribuições dos estudos histórico-culturais do historiador Roger Chartier e nos conceitos de representação e apropriação (para posterior representação), compreende-se que a figura de animais se imbrica à fábula quando utilizada em narrativas indicadas para o público infantil e juvenil, porque esse tipo de literatura está impregnada de representações – de como as pessoas veem os animais, de como eles são apropriados pelos escritores para serem novamente representados pelo trabalho criativo.

Essas noções e impressões que temos de mundo e o que fazemos com elas são construções sociais, culturais e históricas de como devemos nos aproximar, utilizar, perceber, apreender e nos relacionar com objetos – que são culturais, afinal, “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier 2002: 16-17).

Dessa maneira, quando os animais são representados como moradores de rua, essas representações são evocadas a partir de um jogo de saberes advindos de uma construção e um saber social, cultural e histórico que se ligam através do tempo em relações de apropriação (quando alguém se apropria/vivencia/experimenta esse conhecimento prévio e do objeto em questão) para a criação de novas maneiras de representação. Quando os animais são retratados como moradores de rua, percebemos representações culturais, sociais e históricas desses sujeitos, partilhados tanto pela autora quanto pelo leitor. Refletimos a possibilidade do jogo que Bojunga constrói tendo como base os questionamentos de Antonio Candido (1996: 30):

Como estudar o texto literário levando em conta o seu vínculo com as motivações exteriores, provindas da personalidade ou da sociedade, sem cair no paralelismo, que leva a tratá-lo como documento? A única maneira talvez seja entrar pela própria constituição do discurso, desmontando-o como se a escrita gerasse um universo próprio. E a verificação básica a este respeito é que o autor pode manipular a palavra em dois sentidos principais: reforçando ou atenuando a sua semelhança com o mundo real.

Esse jogo de criação artística que imbrica a figura dos animais acontece não raro, como demonstra Gilbert Durand (2002: 70), já que,

O animal apresenta-se como um abstrato espontâneo, o objeto de uma assimilação simbólica, como mostra a universalidade e a pluralidade da sua presença tanto numa consciência civilizada como na mentalidade primitiva. A linguística comparada notou também, desde há muito tempo, que a repartição de substantivos faz-se primitivamente segundo as categorias do animado e do inanimado. O Bestiário, portanto, parece solidamente instalado na língua, na mentalidade coletiva e na fantasia individual.

Importa destacar, além disso, o paralelismo entre os animais e os homens que vivem nas ruas: entre semelhanças e diferenças, ambos estão sob o mesmo enfoque, no mesmo “corpo”, no mesmo momento. No texto, eles se imiscuem e não se diferenciam, assumem para o leitor um discurso duplo de representação: o homem é tão importante e merece o mesmo olhar que o animal – ao passo que o animal também merece a mesma atenção e o respeito que o homem. Infelizmente, a vida de um animal não tem o mesmo valor que a vida de um ser humano, e isso advém das crenças que fazem parte do pensamento comum da sociedade. De acordo com Mery Chalfun e Rosângela Maria de Azevedo Gomes (2008: 847),

Os grandes filósofos bem como estudiosos do direito sempre destacaram a importância do homem, utilizando os animais sempre em benefício daqueles, como seres inferiores e em proveito do ser humano. A religião, e o pensamento cartesiano com entendimento do animal sem alma, sem direitos, contribuíram para a utilização dos animais como propriedade e objetos de direito. Entretanto, caminha-se para um comportamento moral e ético em relação aos animais, entendendo que juntamente com o direito devem proporcionar-lhes uma vida digna, respeitosa, pois assim como o homem são capazes de sentimentos, percepções e sensibilidades.

Ainda, Ermelinda Ferreira propõe um debate que se vincula às ideias de Chalfun e Gomes (2008), no sentido de que indicia a concepção mecanizada dos animais dentro da sociedade. Ferreira afirma que o homem perdeu sua relação com os animais. Tomando o pensamento de René Descartes como base, a autora entende que os homens se tornaram duais, em uma divisão entre corpo e alma. A partir dessa lógica, conceberam o animal como um ser sem alma, destinado a ser máquina na engenhosa cadeia produtiva da modernidade (2005).

Cruelmente, o texto de Bojunga parece desvelar a compreensão que se têm do homem indigente que vive nas ruas: animalizado – mas, que dentro de uma perspectiva fabular, assume novos contornos numa leitura que suaviza e humaniza novamente. Percebe-se a via de mão dupla de maneira engenhosa: se por um lado o retrato é de abandono e cruzeza por parte da representação de uma realidade áspera por si só, é no encantamento dos personagens animais que essa alteridade, o morador de rua, retoma um lugar de voz. É nessa possibilidade que a criança leitora

construirá um novo olhar para essa alteridade, o morador de rua / o animal abandonado.

E viver na presença e sob o domínio tirânico de humanos, que ignoram solenemente a condição dorente e sofrente, encenada singular e universalmente debaixo de cada pele, torna a existência animal um calvário, do qual todos esperam libertar-se, quando poderão, enfim, estar outra vez em sua pele sem sofrer ameaça de agressão, invasão e extermínio humanos. Até que ponto a literatura aceita o desafio de penetrar o segredo da dor e do prazer, sem antropomorfizar e sem reduzir a objeto cada personagem que desenha animadamente? (Felipe 2015: 15).

A intensa reflexão de Sônia Felipe, extraída do primeiro volume da série de livros *Representação Animal Na Literatura* (2015), expõe de maneira pungente a preocupação e o anseio que parece transposto por Bojunga em *Os Colegas* (1972). Bojunga é capaz de colocar o animal diante do leitor de maneira duplamente empática, de modo que a alteridade do animal – tão cara à criança – o faz reconhecer a alteridade do homem de rua. No sentido inverso, o homem de rua transmite seu valor de alteridade para o animal que ali vive. Ambos, homem e animal de rua, portanto, são coadunados e revelam no discurso o desejo de libertação, sem objetificação alguma.

A cultura não é o resultado de um processo de busca pelo passado, não é um retorno e nem mesmo uma “arqueologia” (Hall 2003: 44), mas é um processo de criação contínuo. Esse processo se dá porque, “na ‘experiência’, todas as práticas se entrecruzam; dentro da ‘cultura’, todas as práticas interagem – ainda que de forma desigual e mutuamente determinante” (Hall 2003: 143, grifos do autor).

Finda-se a narrativa com os amigos decidindo mudar de vida. A carrocinha tentando prendê-los a todo custo

E ainda por cima, no sábado, deu uma ventania tão grande que arrancou e levou embora a porta e o teto do barraco. Foi pro causa de tudo isso que os quatro passaram o domingo todinho confabulando e lá pelas tantas resolveram: “Não dá mais pé ficar sem trabalhar”.

- Porque a verdade é que a gente tá ficando cansado desse negócio de fugir, de ter que arriscar a vida todo dia, de ter que viver sem saber se vai arranjar comida ou não – disse Virinha (Bojunga 2012: 122).

Os colegas decidem trabalhar no circo e negociam um contrato de trabalho justo para o dono do estabelecimento e para eles. A partir de então, iniciam uma vida nova com promessa de prosperidade e tranquilidade.

No universo d’*Os Colegas* (1972), Bojunga transmite cultura, conjugando a experiência do Rio de Janeiro, da praia, do samba, da realidade do excluído, dos marginalizados, da feira-livre, do circo, das fantasias, do Carnaval, dos animais

abandonados, da cultura popular crítica, das vozes daqueles que compõem a realidade.

THE ANIMALS AND THE OTHERNESS IN *THE COMPANIONS* (1972), BY LYGIA BOJUNGA

Abstract: The Otherness, understood here as the interaction product with the others (different from myself) – and taking into account their specific context, is taken as a focus on reading *The Companions* (1972), by Lygia Bojunga. The intention is to understand how, through writing, Bojunga presents the other to her young reader. The methodology used in the research is bibliographic and documentary, with textual analysis as *corpus* of material formed by the book, interspersed with cultural studies as well as the cultural history of otherness and animals.

Keywords: Lygia Bojunga; the otherness, cultural history, animals.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOJUNGA, Lygia. *Os Colegas*. 52. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2012.

CANDIDO, Antonio. O mundo desfeito e refeito. In: _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 30-34.

_____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CHALFUN, Mery; GOMES, Rosangela. M^a. A. Direito dos Animais - Um Novo e Fundamental Direito. In: Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do Conpedi (Conselho Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Direito), 17. 2008, Salvador - Bahia. *Anais do XVII Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do Conpedi*, 2008.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Trad. Maria Manoela Galhardo. 2. ed. Portugal: Difel, 2002.

DURAND, Gilbert. As faces do tempo. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 70.

FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Os Colegas, de Lygia Bojunga Nunes: Um estudo da Recepção no Ensino Fundamental*. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2005. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/bltfeba.pdf>>. Acesso em: 06 novembro 2015.

FELIPE, Sônia Teresinha. Prefácio. In: BRAGA, Elda Firmo; LIBANORI, Evely Vânia; DIOGO, Rita de Cássia Miranda (Org.). (Livro I) *Representação animal na literatura*. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2015, p. 12-15.

FERREIRA, Ermelinda. Metáfora animal: a representação do outro na literatura. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 26. Brasília, p. 119-135, jul./dez. 2005.

GONÇALVES, Jéssica Pereira. Ludicidade e Prazer: Proposta de leitura de *Os Colegas*, de Lygia Bojunga. In: *CINTEDI*, 2014, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande, 2014. v. 1. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_10_2014_12_55_18_idinscrito_904_aea59974080be22fa787a8750be03757.pdf>. Acesso em: 06 novembro 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ORANGE, Dolores. Prefácio. Dobras e abismos: a figura do animal na literatura. In: BRAGA, Elda Firmo; LIBANORI, Evely Vânia; DIOGO, Rita de Cássia Miranda (org.). (Livro II) *Representação animal na literatura*. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2015, p. 12-17.

SILVA, Elisa Cristina. *Os colegas, Angélica e O sofá estampado: Lygia Bojunga e a reconstrução da fábula*. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de estudos pós-graduados em literatura e crítica literária, Universidade Estadual de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11347>. Acesso em: 6 nov. 2015.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ZILBERMAN, Regina. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. In: KHÉDE, S. S. (Org.) *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 19-32

ARTIGO RECEBIDO EM 29/02/2016 E APROVADO EM 24/05/2016